



CRISE, DEPENDÊNCIA E SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO.

Marlana Portilho Rodrigues¹

Benjamim Alvino de Mesquita²

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir o processo da dependência latino-americana no contexto atual de crise financeira internacional, elucidando o seu aprofundamento e suas conseqüências sobre a classe trabalhadora.

Palavras-chave: dependência, reprimarização e superexploração.

Abstract: This article aims to discuss the process of Latin American dependency in the context of the current international financial crisis, clarifying and deepening its consequences on the working class.

Keywords: dependence, reprimarization and superexploitation.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: marlana_portilho@hotmail.com

² Doutor. Universidade Federal do Maranhão(UFMA).E-mail: bamin@uol.com.br



1 INTRODUÇÃO

É notório que as vendas externas latino-americanas viveram um processo de “reprimarização” nos últimos anos, apresentando forte concentração em bens primários e recursos naturais, com nível tecnológico abaixo do desejável para gerar valor agregado à produção nacional dos países. Por isso, este artigo procura discutir o aprofundamento da dependência a partir do processo de reprimarização da economia imposto pelos países do centro imperialista, como forma de administrar a atual crise estrutural do capital e, notadamente, suas conseqüências sobre a classe trabalhadora.

A crise financeira internacional intensificou esse processo de aprofundamento da dependência latino-americana, interrompendo a diversificação produtiva ao impor uma maior especialização na produção de commodities e bens primários. De acordo com Marini (2005), esse aprofundamento das relações de dependência, transferindo valor das periferias para o centro, é intermediado pelas trocas desiguais e se inserem no âmbito da nova divisão internacional do trabalho.

Tendo a crise financeira internacional como potencializadora da dependência latino-americana, o texto divide-se, além desta introdução, basicamente, em mais três seções. A primeira discute o processo de reprimarização da pauta de exportação da América Latina nos últimos anos, analisando a participação dos produtos primários e os diferentes produtos segundo intensidade tecnológica. O objetivo aqui é ter subsídios analíticos para que se entenda o fenômeno da superexploração do trabalho.

A segunda seção objetiva compreender o aprofundamento do mecanismo de dependência através da deterioração dos termos de troca nas relações de mercado internacional, como também, demonstrar que a classe trabalhadora deve se posicionar contra a dependência estrutural, uma vez que, absorve todo o impacto das contradições que são inerentes ao capital. E por fim, as considerações finais.



2. REPRIMARIZAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES LATINO-AMERICANAS

Esta seção tem como objetivo discutir o aprofundamento do processo de reprimarização das exportações imposto pelos países do bloco imperialista, como forma contratendencial à queda nas taxas de lucro e como proposta de administração da crise estrutural. Dessa forma, esses países impõem uma nova divisão internacional do trabalho visando capitanear capital através da transferência de valor.

Dessa forma, a periferia se especializa em produzir alimentos e matérias primas para os países do centro imperialista, enquanto estes produzem mercadorias com alta incorporação tecnológica. Logo, as economias centrais se desenvolvem em decorrência do subdesenvolvimento das economias periféricas, através de mecanismos de transferência de valores periferia-centro.

Sendo assim, ao observar a pauta de exportação da América Latina, verifica-se que a participação de produtos primários no total exportado aumentou significativamente em todos os países, no período de 2000 a 2009, como pode ser visto na Tabela 1.

Estes mecanismos de transferências de valores periferia-centro levam à superexploração do trabalho nos países periféricos como forma de dar prosseguimento á acumulação de capital, repassando para os trabalhadores as conseqüências da dependência econômica que se revela nas relações comerciais entre países centrais e periféricos. Com isso, a superexploração torna-se necessária para compensar e reverter as perdas no mercado internacional (MARINI, 2005).

Tabela 1. Participação dos produtos primários no total exportado da América Latina (%)- 2000-2009



Países	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	42,0	46,0	47,4	48,5	47,0	47,3	49,5	51,7	55,4	60,9
Argentina	67,6	67,4	69,5	72,2	71,2	69,3	68,2	69,1	69,2	68,0
Bolívia	72,3	79,4	84,2	83,9	86,7	89,4	89,8	91,9	92,8	92,9
Colômbia	65,9	60,6	62,2	65,7	62,9	65,3	64,4	60,8	68,5	72,6
Chile	84,0	82,2	83,2	83,8	86,8	86,3	89,0	89,6	88,0	88,2
Peru	83,1	81,4	83,0	83,0	83,1	85,3	88,0	87,6	86,6	87,8
Uruguai	58,5	58,4	63,7	66,3	68,4	68,5	68,7	68,9	71,3	74,8
Paraguai	80,7	83,7	85,1	86,3	87,3	82,9	84,1	89,1	92,1	...
Equador	89,9	88,1	89,7	88,0	90,7	91,0	90,4	91,3	91,7	90,9
México*	46,5	14,9	15,7	18,6	20,2	23,0	24,4	25,0	27,1	24,9
TOTAL AL e Caribe	42,1	41,1	41,1	44,1	46,3	49,8	52,5	49,5	52,7	52,9

Inclui re-exportações. Porcentagem do valor total das exportações de bens (FOB). * Inclui produtos transformados na indústria de maquiagem. Fonte: CEPAL, 2011 – Anuário estadístico de América Latina y el Caribe, 2010.

Ao analisar a pauta de exportação brasileira, tem-se uma percepção mais clara do aprofundamento da dependência que acontece na América Latina. A Tabela 2 mostra a participação dos diferentes grupos de produtos nas exportações brasileiras no período de 2000 a 2010. Nela, observa-se que em 2000, as commodities perfaziam 37% das exportações, em 2010 já tinham uma participação de 51%. Esse total é maior quando se soma os dados da categoria “outros” que incluem as commodities energéticas, assim resultaria em um total de 65% da pauta de exportação em 2010.

Tabela 2- Participação dos diferentes grupos de produtos, segundo intensidade tecnológica nas exportações brasileiras – 2000-2010 (%)

Produtos	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Commodities primárias	37	39	39	40	39	38	39	41	43	49	51
Mão de obra e recursos naturais	14	13	13	13	12	11	10	9	7	7	6
Baixa intensidade	8	7	8	8	10	10	8	8	9	7	6
Média intensidade	18	18	17	19	19	20	20	18	16	13	14
Alta intensidade	18	16	15	12	12	12	12	12	11	11	9
outros	18	7	8	8	7	9	11	11	13	13	14

Fonte: De Negri e Alvarenga, 2010.

Esse processo de reprimarização se acentuou com a crise e com o crescimento chinês. Sendo assim, este país já se tornou o primeiro parceiro comercial do Brasil, cujas exportações atingiram o patamar de US\$ 30 bilhões em 2010, sendo



80% commodities, com destaque para soja e minério de ferro. Mesmo com a crise, apesar das exportações totais brasileira caírem de US\$ 197 bilhões em 2008 para US\$ 152 bilhões em 2009, as exportações para aquele país cresceram de US\$ 16 bilhões para US\$ 20 bilhões, respectivamente (DE NEGRI E ALVARENGA, 2010).

É importante ressaltar que a China como destaque no cenário mundial proporciona uma conjuntura de reversão da deterioração dos termos de troca, porque expande a demanda por bens primários no curto prazo. Esta reversão ocasiona o aumento da taxa de mais valia interna. No entanto, a médio e a longo prazo geram incertezas, uma vez que fortalece o processo de reprimarização e altera a estrutura produtiva do país (MARTINS, 2011).

No entanto, independentemente das causas da reprimarização na América latina, o fato é que essa inserção comercial e seu aprofundamento nos últimos anos, traz preocupações no que se refere ao desempenho da economia, no âmbito das perdas das trocas comerciais, reforçando a dependência econômica e a transferência de valor em relação aos países centrais.

Por isso a busca desses países por países da periferia, porque que exportam os impactos da crise para os trabalhadores da periferia, por meio da deterioração dos termos de trocas nas relações comerciais como forma de manter a dependência econômica (MARINI, 2005). Esse fenômeno será analisado detalhadamente na seção a seguir.

3. AS TROCAS DESIGUAIS E A SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO

A situação de dependência, segundo a Teoria Marxista da Dependência, é entendida como um condicionamento de certos países em relação ao desenvolvimento e expansão de outros países, ou seja, é uma relação de subordinação entre nações, de modo que as relações de produção nas nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência (CARCANHOLO; AMARAL, 2009; MARINI, 2000).

Por isso as relações de produção são desiguais visto que o desenvolvimento de certos países ocorre às custas de subdesenvolvimento de outros. Isso porque há um controle do mercado por nações dominantes, que leva os países dependentes a



transferirem excedente para os países centrais na forma de lucros e juros, de modo que ocorra a perda de controle dos dependentes sobre os seus recursos. Por sua vez, esse excedente se dá através da superexploração do trabalho, e não por meio do avanço da tecnologia (MARINI, 1991).

A acumulação de capital nos países dependentes apresenta características que lhe são próprias, isto é, no âmbito interno tem-se um mercado de trabalho barato combinado com uma tecnologia capital-intensiva, resultando numa superexploração do trabalho, que ocorre como consequência do intercâmbio desigual e da transferência de valor. Para garantir sua dinâmica interna de acumulação de capital, os países periféricos aumentam a produção de excedente por meio da elevação da taxa de mais valia, do arrocho salarial, da extensão da jornada de trabalho ou por meio da intensidade de trabalho (CARCANHOLO, 2004).

O mecanismo de transferência de valor ocasiona uma interrupção da acumulação interna de capital nos países dependentes que precisa ser completada, e para tanto, mais excedente precisa ser gerado. Essa expropriação de valor se dá através da superexploração que ocorre na produção e não nas relações de mercado, e pode ser observada tanto na concorrência intrassetorial (mesmo setor produtivo) quanto na concorrência intersetorial (setores distintos). (CARCANHOLO; AMARAL, 2009)

A concorrência intrassetorial ocorre quando o aumento da produtividade em determinado setor permite a criação de mais produto no mesmo espaço de tempo para cada capitalista individual. Com isso reduz-se o valor individual de suas mercadorias a um nível inferior ao valor de mercado, logo, apropriar-se de uma valia extraordinária ou superlucro. Assim o aumento da produtividade se generaliza no ramo de atividade determinado até o ponto em que houvesse excesso de mercadorias. Por isso, as mesmas teriam seus preços rebaixados a um nível inferior ao de seus valores individuais, de modo que a taxa de lucro apresentasse queda nesse mesmo setor.

No âmbito do comércio internacional, os países periféricos são aqueles que produzem mais valor, porque utilizam relativamente mais trabalho vivo do que trabalho morto no processo produtivo e é o trabalho vivo o único capaz de produzir riqueza nova. Já os países centrais, mais produtivos, utilizam menos força de trabalho em



virtude da alta composição orgânica do capital, geram menos valor. Contraditoriamente, quando se atinge o nível da apropriação da riqueza gerada, o processo ocorre de modo inverso. Os países periféricos, apesar de produzir mais valor, não se apropriam dele, porque são incapazes de produzir mercadorias cujo valor esteja abaixo do valor de mercado, ou seja, não conseguem reduzir o tempo de trabalho socialmente necessário. No entanto, os países centrais, apesar de produzir menos valor, garantem sua apropriação baseados em um tempo de trabalho socialmente necessário que se encontra abaixo da média do setor. (CARCANHOLO; AMARAL, 2009)

Dessa forma, é correto dizer que os países periféricos produzem valor que não será apropriado por eles internamente, sendo transferido para os países centrais e por eles acumulado. Esse processo também ocorre no nível de concorrência intersetorial. Nesse caso, capitais menos produtivos são transferidos para setores mais produtivos. E isso continua até que os setores que competem entre si tenham sua taxa de lucro igualada, quando não há mais estímulo para um capitalista ir de um setor a outro. Quando se analisa sob o âmbito do comércio internacional, a periferia produz valor que será apropriado nos países do centro. Assim, os países dependentes acabam se especializando na produção de mercadorias com menor avanço tecnológico, e logo, estão sujeitas, dada a lei tendencial de igualação das taxas de lucro, a esse tipo de transferência de valor em direção aos países do centro.

De acordo com Marx (2008), o comércio exterior contribui para elevar a taxa de lucro, aumentando a taxa de mais valia e reduzindo o valor do capital constante ao baratear elementos do capital constante e meios de subsistência em que se converte em capital variável. Por isso a América Latina apresenta dois papéis essenciais. Primeiro, é produtor de alimentos e bens de cesta de consumo dos trabalhadores do centro imperialista, onde transforma os avanços tecnológicos em mais valia relativa. E segundo, é produtor de matérias primas baratas para o mercado, o que acaba por reduzir o valor do capital constante nos processos produtivos dos países centrais.

A partir da divisão internacional do trabalho, os países periféricos lidam com o mecanismo de transferência de valor através do aumento da produção e especialização produtiva em bens primários. Assim, há aumento da massa de valor produzida e maior exploração do trabalho.



Marini (2005) afirma que nos países centrais, o setor produtor de bens-salário responde tecnologicamente às inovações introduzidas pelos segmentos vinculados ao consumo santuário, pois cria as bases para um mercado de massas e para a indústria de bens de capital que alavancam de forma orgânica a industrialização no centro. Nos países periféricos, isso não ocorre na mesma proporção, porque se inserem no mercado exterior com desníveis muito grandes de tecnologia e não respondem da mesma forma, e que acabam por recorrer à superexploração do trabalho, ou seja, remunera a força de trabalho abaixo do seu valor. Logo, a superexploração do trabalho nos países periféricos funciona como uma compensação das perdas dos capitalistas destes países no que se refere às trocas desiguais no mercado internacional.

De acordo com Marini (2005), os países centrais procuram os países da periferia para exportar os impactos econômicos e financeiros da crise para os trabalhadores da periferia por meio da deterioração dos termos de troca nas relações comerciais como forma de manter a dependência econômica. Além disso, tem-se o aprofundamento do processo de internacionalização e de desnacionalização da produção como entrada de capitais, transnacionais, enviando para os países centrais os excedentes na forma de lucros, juros, patentes, royalties (GOMES, 2011).

Logo, nesse momento de crise do capital, acentuada pelo movimento especulativo, o imperialismo busca investimentos que possibilitem reduzir as perdas e socializar os prejuízos, injetando mais capital no setor produtivo dos países da periferia, procurando se antecipar a novos ciclos de valorização de capitais e garantindo mecanismos de transferência de valor no médio e longo prazos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou discutir o aprofundamento da dependência latino-americana em relação aos países do centro imperialista no contexto atual de crise financeira internacional. Sendo assim, pelos dados apresentados ao longo deste trabalho, observou-se que o processo de reprimarização se intensificou, o que significa impactos relevantes no que se refere ao desenvolvimento econômico, uma vez que, os investimentos estão cada vez mais concentrados sob o âmbito da produção de bens primários para a exportação. Vimos que esse processo intensifica a dependência em



relação aos países centrais, conforme o mecanismo de valor, que se reflete no aprofundamento da subordinação.

Dessa forma, as economias centrais de modo geral se desenvolvem às custas do subdesenvolvimento das economias periféricas mediante mecanismo de transferência de valores periferia-centro. E qual a consequência disso para os trabalhadores?

De acordo com Marini (2005), isso acaba por superexplorar os trabalhadores nos países periféricos, visto a necessidade de acumulação de capital, repassa aos trabalhadores as consequências da dependência econômica que se reflete nas relações comerciais entre países centrais e periféricos do sistema. Isso porque essa superexploração é um meio de compensar, de reverter o quadro de perdas no mercado mundial, que advém das relações comerciais de dependência econômica.

Tendo em vista o mecanismo capitalista, a saída da crise é aprofundar a intensificação da exploração do trabalho, notadamente no que se refere a opressão e exploração dos povos e riquezas naturais dos países periféricos. Sendo assim, os países periféricos, têm como função primordial reduzir o tempo de trabalho necessário para a reprodução social dos trabalhadores nos países centrais, deslocando o eixo de acumulação na economia industrial destes países, da produção de mais valia absoluta para a produção de mais valia relativa, em detrimentos das relações de trabalho dentro dos países periféricos.

5. Referências bibliográficas

- CARCANHOLO, M.D. Acumulação capitalista e a superexploração do trabalho: característica da dependência. In: *XI Encontro de Economia Política*, 2006, Vitória. Anais do XI Encontro Nacional de Economia Política, 2006.
- CARCANHOLO, M; AMARAL, M.S. A superexploração do trabalho em economias periféricas dependentes. *Revista Katál*. Florianópolis. V.12. n. 2p. 216-225, jul/dez.2009.
- CARCANHOLO, M. Dialética do desenvolvimento periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e alternativas de desenvolvimento. In: *IV COLÓQUIO LATINO-AMERICANO DE ECONOMISTAS POLÍTICOS*, 31 de outubro a 2 de novembro. Anais...São Paulo, 2004.



CEPAL, 2011- Anuário estadístico de America Latina y el caribe, 2010. Disponível em: <http://www.eclac.org>.

DE NEGRI E ALVARENGA, 2010. A primarização da pauta de exportações no Brasil: ainda um dilema. In: *Radar Nº 13*, Diretoria de estudos e políticas setoriais de inovação, regulação e infraestrutura. 04/2011, IPEA.

GOMES, H. As hipóteses sobre uma nova posição do Brasil no imperialismo atual. In: *VII Colóquio de La Sociedad Latinoamericana de Economía Política y Pensamiento Crítico*, 2011. Uberlândia, Anais, 2011.

MARINI, R. M. /Roberta Traspadini, João Pedro Satélite (orgs). *Ruy Mauro Marini- Vida e Obra*. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2005, 304 pgs.

MARINI, R.M. *Dialectica de La dependência*. México: Ediciones era, 1991.

MARINI, R.M. *Dialética da dependência*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARX, K. *O capital: crítica a economia política*. Livro terceiro: o processo global de produção capitalista, volume IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARTINS, C.E. O pensamento social de Ruy Mauro Marini e sua atualidade: reflexões para o século XXI. *Crítica marxista*, n.32, p.127-146, 2011.